



CASTIGOS ESCOLARES: MEMÓRIAS, SIGNIFICAÇÕES E PRÁTICAS

Milena Aragão¹; Wender Faleiro²

1 Faculdade Estácio de Sergipe/BR (mi.aragao@yahoo.com.br)

2 Universidade Federal de Goiás/BR

Recebido em: 08/09/2015 – Aprovado em: 14/11/2015 – Publicado em: 01/12/2015

RESUMO

Rememorar a vida escolar é um convite a entrar em contato com um sentimento bastante conhecido: a saudade. Saudade dos amigos, das brincadeiras, dos professores, do material escolar, do uniforme e até do trajeto da casa para a escola, recheado de aventuras e boas conversas. Recordar é viver, como diz o ditado popular. Contudo, as memórias do tempo de escola não guardam apenas sorrisos. Existe uma prática culturalmente construída e utilizada pelos professores que não ficam alheias aos relatos discentes: as punições. Neste momento, os sorrisos dão lugar a uma expressão séria, como se por um momento tudo o que não foi agradável fosse revivido. Quando rememoramos o passado, mergulhamos em lembranças que vão além de um processo biológico responsável por registrar fatos, idéias ou palavras. A memória é um processo individual, psicológico e também social. É a presença do passado e, ao mesmo tempo, do agora, uma vez que é o “presente” indagando ao “pretérito”, possibilitando aos sujeitos uma reconstrução constante de si e do universo que habitam, constituindo-se um elemento de construção das identidades, bem como da percepção de si e dos outros. (ROUSSO, 2006). Não lembramos todos os acontecimentos da nossa vida. Lembranças e esquecimentos andam juntos e são seletivos. De fato, selecionamos representações do passado, de um passado individual, mas também coletivo. Isto porque a memória individual é a memória formada pela vivência de uma pessoa nos diversos grupos nos quais fez parte ao longo da vida (família,

escola, etc.) e de experiências, como insucessos, vitórias, medos e esperanças. No momento em que a representação seletiva do passado vai aparecendo nas narrativas de memórias dos sujeitos, é possível perceber sua inserção em um contexto social. Desta forma, as entrevistas que buscam acessar as memórias dos sujeitos, possibilitam a compreensão dos diversos significados que alguns indivíduos e grupos sociais conferem às experiências vividas, e possibilita, também, compreender práticas e representações dos sujeitos hoje. (HALBWACHS, 2006). Diante disto, o presente artigo objetivou relatar e problematizar memórias, significados e práticas de três professoras de educação infantil e séries iniciais residentes em Aracaju/SE sobre os castigos vivenciados em sua trajetória escolar, sendo cada uma em um período diferente: décadas de 1950, 1970 e 1990. Como caminho metodológico foram realizadas entrevistas individuais na perspectiva da História Oral Temática. Como resultado, observou-se semelhanças entre as práticas experimentadas pelas três docentes, com ênfase no uso da palmatória, ajoelamento no milho e ficar de pé na frente da sala. Foi abordada também a participação das famílias nesse processo, bem como as ressignificações das entrevistadas em seus modos de pensar e agir, discutindo, para tanto, o conceito de *habitus* em Pierre Bourdieu. Por meio das recordações docentes, foi possível não só investigar similaridades e diferenças nas práticas de castigos aplicadas no universo escolar ao longo do tempo, mas também compreender de que forma elas se apropriaram de tais vivências para compor suas práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Castigos escolares, memórias, significações, práticas pedagógicas